

# Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos o número 11 da revista Gragoatá, da pós-graduação em Letras da UFF. Seu tema, *Práticas identitárias no discurso*, por si só, já atrai autores e leitores das mais variadas áreas das ciências humanas e sociais. Na verdade, podemos afirmar que, no Brasil, as questões identitárias estão em pauta desde a construção do país como nação, percorrendo toda a nossa História, que é, como a de todas as jovens nações do planeta, a de um povo em busca da afirmação de sua identidade. Neste número, teremos a ocasião de perceber como se posicionam nomes representativos da teoria da literatura, da crítica literária, da lingüística, da análise do discurso e da lingüística aplicada, tanto no Brasil, quanto na Europa, diante de práticas identitárias no discurso, ora enfocando a relação língua-identidade-nação, ora abordando a identidade sob a perspectiva do sujeito e dos discursos que o constróem.

Como o segundo ano do século XXI inaugurou-se, no mês de janeiro, com a implantação do euro em grande parte dos países da comunidade europeia, a nossa revista se abre com o texto de Antoine Compagnon, que, a partir desse marco da união da Europa, questiona o conceito de identidade, considerando-o nas relações desse continente com os outros, bem como consigo mesmo, assim como dos países europeus entre si. Segundo Compagnon, as palavras Europa e cultura são freqüentemente associadas, mas são, também, tanto uma como a outra, igualmente mal definidas. *Que Europa? Qual cultura?* indaga o autor, para concluir que a idéia de cultura está para nós em uma relação muito antiga com a idéia de Europa. *A cultura é a língua comum da Europa*, afirmava Fernand Braudel. *Mas, o que seria a Europa?*, questiona Compagnon.

Esse mesmo questionamento é examinado no artigo de Pierre Guisan, que enfoca o papel preenchido pela língua na formação da identidade coletiva, em instituições político-sociais, tais como as nações tradicionais, ou outras instituições modernas, a da Francofonia em particular. O autor indaga a legitimidade de se considerar a língua como fator identitário, e em que medida as representações da língua não fazem dela um mito.

Diante de um conflito similar, Maria Elizabeth Chaves de Mello considera que, nos dias de hoje, o tema da identidade nacional se apresenta ao mundo contemporâneo em termos talvez mais urgentes do que há um ou dois séculos atrás. Estudá-lo, segundo a autora, significa tentar dar conta de um dos problemas mais preocupantes do momento atual. A partir dessa idéia, Maria Elizabeth Chaves de Mello vai buscar na França, no século XVIII, com as Luzes e o progresso, a elaboração do conceito de nação.

Trazendo esse questionamento para a cena brasileira, Leyla Perrone-Moisés faz um estudo panorâmico da imagem da França no Brasil, do século

XVIII ao XX, concluindo que a história das relações culturais entre os dois países é menos tranqüila do que se afirma habitualmente. Mesmo nos momentos mais idílicos, houve tensões e discordâncias. No seu texto, a autora analisa esse duplo movimento de atração e rejeição, mostrando que as reações pontuais de rejeição são frequentemente ligadas à busca de uma identidade nacional, ou ao engajamento em um projeto mais vasto, pan-americanista ou latino-americanista.

Ainda tratando das relações entre as culturas brasileira e européia, Rosalina Maria Sales Chianca percebe que, embora os brasileiros estejam fisicamente mais próximos dos europeus, eles conservam a sua sensibilidade própria e o seu modo de vida particular impregnados da influência africana e indígena. Inicialmente dividida, falsificada pelas diversas formas de ocultação (geográfica, histórica, espiritual), a identidade brasileira foi reconstituída por novos componentes históricos vindos da fusão dessas culturas, criando uma nova unidade.

Dando continuidade a indagações acerca da construção da identidade nacional brasileira, Socorro de Fátima P. Vilar estuda a representação dos jesuítas e, principalmente, de Anchieta, nos textos historiográficos e ficcionais do século XIX, como parte das estratégias utilizadas pela Companhia de Jesus na sua reabilitação.

Cabe, então, a Janaína de Sena investigar o papel desempenhado pelas antologias literárias no contexto do Brasil oitocentista, no esforço de produção de um patrimônio cultural brasileiro. Segundo a autora, através da reunião, delimitação e estabelecimento de um corpus que, depois de devidamente ajustado e justificado, podia ser tomado como representativo da literatura brasileira produzida desde a época colonial, tais antologias foram, pouco a pouco, construindo os fatos que, mais tarde, iriam servir de base para as nossas histórias da literatura.

Passando para uma questão específica, a da identidade cultural nordestina, Maria Emília Monteiro Porto estuda a tendência medievalizante ou arcaizante, encontrada como explicação para a peculiaridade cultural do Nordeste brasileiro, apresentada por boa parte da produção historiográfica e literária brasileira. Para tanto, sua leitura do *Romance da Pedra do Reino* leva-a a considerar que Suassuna desenvolve a imagem de um Nordeste barroco.

Ainda na questão específica dos regionalismos, no caso, o da literatura francófona magrebina, oriunda dos processos de imigração, Luciana Persice Nogueira apresenta os temas do hibridismo cultural e da exclusão socioeconômica e cultural. Segundo a autora, o caráter desterritorializado dessa literatura confere-lhe "étrangeté" e "terror" – conceitos relativos à tragédia do exílio, da distância e da solidão. No trabalho de Tahar Ben Jelloun, sobretudo nos três romances em que o narrador é um contador de histórias, este personagem torna-se uma voz privilegiada na expressão da *étrangeté* e do terror. Seu discurso, sua retórica e sua teatralidade expressam uma identidade lábil, fragmentária, ora imaginária, ora projetada, como a do magrebino

exilado que vive entre dois mundos, duas línguas e várias culturas (árabe, berbere, judia...).

No contexto da controversa identidade lingüística brasileira, Beth Brait surpreende um importante momento em que, a propósito de uma nova edição da obra *O dialeto caipira – gramática – vocabulário* (1955), de Amadeu Amaral, essa questão se coloca, expondo suas contradições por meio das nervuras institucionais que incluem fontes teóricas, especialmente francesas, que autorizam, naquele momento, determinados conceitos de língua, linguagem, dialeto, e, ainda, trabalhos divulgados pela mídia por reconhecidos intelectuais voltados para as pesquisas antropológicas.

A relação entre língua/linguagem e identidade pode também ser abordada sob a perspectiva dos seus efeitos na construção da subjetividade. O que há em comum entre os trabalhos que tratam mais diretamente de questões identitárias, a partir dessa abordagem, é a visão de identidade como um construto heterogêneo, que pode ser relacionado aos diversos papéis sociais e seus respectivos discursos.

O texto de Catherine Kerbrat-Orecchioni, por exemplo, investiga os discursos dialogados, encarados como construções coletivas, utilizando-se da análise da conversação. A autora considera que, para que os participantes possam construir esse texto coletivo, é necessário que se estabeleça entre eles um certo número de acordos sobre o conjunto de regras do jogo conversacional - acordos que, na medida em que não são estabelecidos espontaneamente entre os interlocutores, vão se tornar objeto de negociação, explícita ou implícita, entre os interagentes durante o desenrolar da interação.

Já Ana Balocco ocupa-se, em seu artigo, do processo de construção da identidade no discurso acadêmico mediante análise da produção textual de alunos de literaturas de língua inglesa, restringindo sua atenção ao fenômeno da *avaliação* na linguagem. Ela completa, então, a análise textual com levantamento de dados acerca das percepções dos aprendizes sobre os processos sociais em que estão envolvidos, com foco na forma como expressam no seu *texto* e no seu *discurso* o sentido que atribuem à sua experiência social. Parte do argumento apresentado em sua pesquisa diz respeito à necessidade de se compreender a escrita acadêmica como um processo complexo de construção da identidade, que se dá mediante resposta ao apelo dos diferentes discursos que circulam no ambiente acadêmico nesta área disciplinar.

Trazendo esse questionamento para o lugar da enunciação em língua estrangeira, particularmente em francês, Márcia Atálla Pietrolungo discute o que chama de deslocamento das fronteiras do *mim*. As implicações desse fenômeno, por um lado, para a reflexão acerca de questões identitárias envolvendo o sujeito e o discurso e, por outro, para o próprio ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, são também discutidas pela autora.

Ainda em contexto de letramento, Luiz Paulo Moita Lopes investiga a construção da masculinidade hegemônica, mostrando que tanto o discurso

como o corpo têm papel central nessa construção. O autor ressalta que os processos de *destradiconalização* típicos da reflexividade intensa, que se vive hoje na modernidade tardia, não são parte do espaço de letramento escolar estudado e que que isso só será possível se compreendermos as práticas de letramento escolar como eventos sociais em que sentidos sobre quem somos na vida social estão sendo construídos.

Prosseguindo na via da construção de representações e seus efeitos identitários, Sírio Possenti defende a hipótese de que os chistes operam sobre estereótipos, e que eles se constituem, provavelmente, em um simulacro da representação positiva que um grupo constrói de si mesmo. A hipótese é defendida pela análise sumária de um pequeno conjunto de chistes sobre gaúchos e loiras.

As questões pertinentes às práticas identitárias no discurso também podem vir à tona através de uma reflexão sobre a introdução de novas tecnologias em práticas de escrita e leitura, e as conseqüências desta introdução para a (re)definição de escrita, direitos autorais, leitura, ensino, aprendizagem e outros tópicos correlacionados. É o que nos apresenta José Luís Jobim em seu artigo *A produção textual e a leitura: entre o livro e o computador?*

Esperamos que este número da *Gragoatá* represente uma contribuição relevante para a área de lingüística e letras, como também para todos os estudos que tenham a identidade como objeto de reflexão.

Maria Elizabeth Chaves de Mello  
Solange Coelho Vereza